

CONDOMÍNIO FECHADO

Weslei Candido

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Alexandre Villibor Flory

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C217c CANDIDO, Weslei.

Condomínio fechado / Weslei Candido – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2020.

112 p.: 21 cm.

ISBN: 978-65-00-00347-5

1. Contos I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

A biblioteca

Apartamento 54 | **Professor**

Ao professor de literatura jamais havia ocorrido que suas interpretações pudessem estar equivocadas. Dava suas aulas com o esmero e o rigor necessários ao ato revelador do texto diante de seus alunos. A iluminação pairava sobre a mente do mestre, ca-lejado em suas pálpebras das leituras às altas horas da noite. Ti-nha como companheiro os livros e com eles ceava e dormia. Era um arauto do bom entendimento e na universidade nunca ousa-ram questionar seu poder de mago dos textos. O tom da voz in-timidava e o olhar faiscante de ira que se ensaiava à mínima dis-cordância, tornaram-no o docente mais respeitado da cátedra de literatura brasileira.

O professor carregava consigo a biblioteca que mais lhe agrava-dava. Citações prontas, fragmentos de poemas ou livros intei-ros de poemas à disposição para as grandes batalhas das mesas redondas e para exibição de seu enorme talento de recordar pa-lavra a palavra poemas inteiros. Citava-os percorrendo a biblio-teca de sua mente. Cada volume em seu devido lugar, os ver-melhos, os de capa azul, os de letra dourada, os livros raros e os clássicos da literatura universal estavam ali. Por detrás de alguns

desses grossos volumes, páginas esparsas do *Kama Sutra* e alguma literatura mais picante para seu deleite pessoal.

Um dia após uma de suas aulas de exibição performática sobre Manuel Bandeira, um aluno, cansado dos shows de exibicionismo docente, veio em sua direção com um volume em mãos, abriu-o diante dos olhos do grande maestro e, com certo prazer despidorado, exibiu o poema lido pelo professor com o título que faltava à coletânea distribuída pelo docente. O título em caixa alta gritava aos olhos do maior intérprete da literatura brasileira daquela universidade. O segredo revelado e a leitura desconstruída por um mísero “Ponteio”.

A arrogância do aluno não parou na simples exibição do exemplar. Disse ao professor que o título explicitava tudo o que parecia oculto, à primeira vista, na leitura realizada pelo professor, tornando o conteúdo óbvio. Não ocorreu nenhuma resposta ao professor, apenas veio-lhe à mente questionar quem organizara a edição e que o incauto poderia ter acrescentado o título à revelia do poeta. Nova dose de amargor remexeu seu estômago profético: a edição fora organizada pelo próprio Bandeira.

Encerrou a conversa sem maiores comentários e foi para casa. À noite era impossível ao professor pregar os olhos, percorria sua biblioteca virtual, remexia as estantes de sua mente em busca do volume que pudesse contestar o aluno. Sem sono, o docente foi para o corpo a corpo com sua antiga biblioteca cravada no meio de seu apartamento. Toda ela se fazia eixo de um mundo de rotações e translações em que o professor viveu. Porém, o criterioso mestre incorrera no pecado de não a visitar por

vários anos, passara indiferente pelo paço central de seu apartamento, certo de que toda a biblioteca necessária para seu mediano serviço estava armazenada há muitos anos em sua mente. Essa *hybris* os livros não perdoaram.

Foi uma luta insana. A biblioteca parecia ter vida, a cada volume que o professor tirava do lugar surgia um título desconhecido, ou pelo menos esquecido, de seus arquivos mnemônicos. Nada do maldito Bandeira, o volume referido pelo aluno não constava de sua coleção. A vertigem aumentava também a cada título novo que desafiava o mestre com o caráter novidadeiro que jamais imaginou. Sua biblioteca crescera, ganhara vigor e havia novos braços que lhe eram totalmente desconhecidos.

O mestre foi se deitar. No outro dia, depois de mais de 20 anos de docência, faltou sem avisar, a cama lhe prendia como uma camisa de força e não poderia enfrentar os alunos com tantos livros ainda por ler. Ao meio dia, com o rosto massacrado pela derrota imposta por sua biblioteca, o docente voltou ao eixo de seu apartamento, que girava como uma moenda. Sentou, tirou a poeira de uma das inúmeras capas disponíveis e encontrou *As mil e uma noites*, o ramo sírio, tradução recente, capa bonita, não se recordava de a haver comprado, mas ali estava diante de seus olhos. Amaldiçoou os *ifrits* que provavelmente o cegaram e iniciou a leitura.

O professor devorava cada página, ávido por saber qual a nova história que engabelaria o rei e manteria a narradora viva. Às catorze horas, negou o almoço que sua empregada lhe trouxera, dispensando-a em seguida para não mais ser perturbado. Retomou a leitura e, quando percebeu as folhas e uma tênue luz

coalhada pela cortina, deu-se conta da noite. Levantou, mas não acendeu a luz, fechou a janela na totalidade e, ao se sentar novamente, seus olhos, quais os de um gato, brilharam no escuro. O mestre desenvolvera sem perceber a habilidade de ler na escuridão, era como se as letras das páginas brilhassem e, mesmo de olhos fechados, podia ler. Alcançara o nível máximo da graduação acadêmica, laureado pelas musas, o reconhecimento, enfim, o alcançara, e mesmo que um maldito profeta batesse à sua porta agora, ele se negaria a ver de olhos abertos.

O grande intérprete sentiu que seus dedos selecionavam nas estantes os volumes que ainda não conhecia, o cheiro distinto da página e a textura da mesma atestavam a originalidade do livro novo. Como fisicamente não enxergava mais, o professor dispensou o sono e passou a noite toda, ou talvez o dia, nunca saberemos, na biblioteca. Ela girava e as gerações do mundo passavam diante de seus olhos. Seria capaz de dizer em que página de *Os irmãos Karamazov* encontrava-se a chave literária da interpretação. Pelo que seria a manhã não sentiu fome, nem sede. Trancou a porta e impediu que a empregada entrasse de novo no apartamento. Não podia compartilhar seu segredo com o mundo, tivera acesso à mais bela descoberta da humanidade e precisava obter a patente em primeiro lugar. Faria algumas ligações, usaria sua influência política e em breve daria ao mundo a revelação recebida em Patmos.

O titular da cátedra de literatura brasileira resolveu abrir os olhos, ver se conseguiria ler com a mesma desenvoltura que habilmente tinha com os olhos fechados. Abriu os olhos, mas percebeu que o breu era igual, que não via mais que vultos ou

ensaios de luzes, que ele julgou virem da janela. Com a desenvoltura de quem sempre caminhara sem ver, girou o eixo da biblioteca e alcançou as vidraças, escancarou suas folhas e nada mudou. Estava cego, mas, por incrível que pareça, a ira, a angústia ou o desespero que lhe deveriam assaltar não ocorreu. Estava adaptado à situação.

Homero, sim, esse era o nome de nosso ditoso herói, portador da maior descoberta do mundo, subiu a pequena elevação que havia entre a sala do apartamento e seu quarto, tomou banho, barbeou-se com fazia todas as manhãs e voltou para a sala, onde inesperadamente lhe esperava sua filha. Para não aborrecer a moça, o professor chamou-a para acompanhá-lo à Universidade, precisava compartilhar com os amigos de departamento sua descoberta.

A filha, emocionada, mas procurando conter as lágrimas, falou: “Papai, o senhor está aposentado há anos. Desde que um aluno lhe vazou os olhos com um livro de poemas de Manuel Bandeira”.

Estático, como se não soubesse o que dizer, o velho homem deixou-se conduzir pela filha, que o deixou próximo à janela da biblioteca. Nunca atinou se realmente desenvolvera o método de ler no escuro ou se realmente estava cego. Acreditou que sonhara que lia, mas logo em seguida duvidou que estava cego, achou que ainda sonhava, por isso, a cegueira momentânea. O sonho explicava como conseguia ler sem luz.

Nunca saberemos se o professor sonhara ou tivera realmente uma revelação. Naquela tarde, anunciou-se em nota funerária a morte do famoso docente e que seu corpo fora encontrado junto à janela de sua biblioteca em atitude contemplativa diante do nada.

Humanamente divino

Apartamento 47 | **Senhor Divino**

O apartamento se infestara de baratas. Não qualquer tipo de baratas. Baratas pequenas, miúdas, miudamente nojentas, com suas listras amarelas e marrons, anteninhas e patas irritantes.

Senti-as a primeira vez na pele quando estava deitado no tapete. Sem forças para ir ao quarto ou deixar sequer o chão, nada me animava a parar de olhar para cima, estava totalmente inerte. Não havia no teto um ventilador para que eu me concentrasse em suas pás. Apenas o ventilador de chão, preto e barulhento, que atirava o ar com certa violência contra minha face.

Mas, a maior violência era eu. Ser diminuto, não de corpo, talvez de alma e coração. Experimentei o oco e o vazio que habitavam dentro de mim, como se a escuridão crescesse e fosse me abraçando aos poucos, circundando minha cintura, misturando-se à minha alma e ao meu corpo. Senti que não via mais minhas mãos e não sei explicar se era o efeito do álcool ou do sono que me atacava violentamente.

O certo é que acordei algumas horas depois. Meu corpo era um mero cadáver que respirava, sentia uma textura áspera a percorrer meus braços, a remexer os pelos de minhas pernas. Bus-

quei o motivo daquela sensação incômoda de ser enlaçado por algo nojento.

Sentei sobre os calcanhares, buscando ver o assaltante que ousara deixar sobre meus poros algo de poeirento das pirâmides que habitava. Acendi a tela do celular e tropegamente cheguei à tecla do interruptor, naquele momento, à extrema altura de minhas humanas possibilidades. Os artelhos se endireitaram e em um golpe de sorte, como uma tacada no jogo de sinuca, acertei em iluminar a sala.

Olhei para o tapete peludo, achando que poderia ser sonho e que sua camada felpuda tivesse me iludido. Quase vomitei ao perceber que era velado por inúmeras diminutas baratas que coalhavam o tapete e deixavam nele o contorno de meu corpo. Só não coloquei toda cerveja e vinho que ingerira para fora porque desde criança jamais vomitei estando acordado. Sempre tive sérias dificuldades com esse ato tão comum a algumas pessoas. Estava livre pelo menos de praticar bulimia. Isso me valeu, no entanto, algumas infecções intestinais e acordar com o travesseiro forrado de vômito, após algumas longas febres. Expelido o mal que habitava o corpo, levantava-me, atirava ao longe a fronha do travesseiro, esfregava-me à vermelhidão debaixo do chuveiro e, novamente batizado nas águas, estava pronto para seguir a vida.

Agora estava ali, sendo velado em vida por um cortejo de baratas, de baratinhas, algumas tão jovens ainda que, de longe e sem óculos, afetado pela distorção causada pelo astigmatismo, fazia com que se parecessem a insetos comuns, poderiam se confundir com pequenas moscas. Não, não eram moscas, eram baratas dos menores tamanhos imagináveis.

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2020.
